

JHÔNATAS SIQUEIRA

○ MISTÉRIO DO DEMÔNIO DO NORTE



Os batedores de Aldruma

Nos dias do Silêncio de Ninro uma grande tristeza abateu os homens e os animais no Reino Primordial: não havia sonhos, os dias pareciam mais curtos, as noites mais longas, e a perversidade cresceu no coração deles, exceto no reino de Aldruma. Lá, a música dos primeiros dias ainda era entoada pelo povo e a inspiração dos homens era tão forte que até mesmo os estrangeiros comerciantes se sentiam contagiados quando atracavam em seus portos.

Não fazia muito tempo que rotas de comércio foram abertas tanto por terra quanto pelo mar. Um dia, Cetarto Camorno, o maior dos marinheiros e comerciante de Nalimpa, chegou em Pan trazendo notícias sobre terras distantes. Por ser um grande amigo do rei Flarte, foi muito bem recebido e passou a noite contando as notícias do exterior.

— ... Mon é certamente o homem mais forte que conheço. Até me impressiona que ele seja um Láurea. Dizem que ele sozinho construiu o Palácio do Crepúsculo, que é tão alto que quase alcança o pico do Anum. Infelizmente, enquanto ele constrói essas maravilhas sozinho, sua mulher e seus parentes mandam e desmandam em Láurea. Ouvi dizer que ele viaja por aí junto com alguns marinheiros Pasca desde que sua filha desapareceu... Aquele lugar virou uma terra de oportunistas depois disso...

— Não fale assim de nossos parentes! —
Repreendeu Flarte.

— Não, Flarte. Minha Família cometeu o terrível erro em dar atenção a eles e aos Sartu. A gente já aprendeu que não pode abrir muito para essas pessoas.

— São nossos irmãos, Cetarto. São filhos de Ren tanto quanto nós somos.

— Nem eles se consideram filhos de Ren. Veja os Sartu? Matam-se uns aos outros no Sul; as únicas notícias que temos é de sangue. Eu mesmo ouvi histórias que a Serpente vive naquelas terras e transformou vários deles em demônios...

As pessoas de Aldruma eram respeitosas e, enquanto Cetarto falava, eles ouviam atentamente. Porém, quando Cetarto mencionou a palavra "demônio", a atenção sobre ele redobrou. Lorctom interferiu:

— Demônios? Como?

— Não sabemos de muitas coisas... As poucas histórias que chegam são dos Sartu que fugiram para sobreviver a desgraça. Alguns deles moram em nossas cidades, e a maioria mora ao redor das fronteiras de Nalimpa...

— Sem rodeios, Camorno! Como homens se tornaram demônios? — Insistiu Lorctom, com uma voz mais grave e ameaçadora, que fazia qualquer pessoa tremer.

— Como estou dizendo, Mastom, não sabemos de muito. O que sabemos é que uma tribo andou muito para o Oeste, nas terras desérticas. Lá encontraram, ou foram encontrados, pela Serpente do mundo, que fez seus corpos se transformarem em uma espécie de besta quadrúpede, com dois braços a mais, com patas, com garras e faces de gatos. A Serpente chamou-os de *Anzukurre*. Alguns conseguiram fugir com vida... É claro que os Sartu se odeiam, e nunca sabemos se essas histórias são verdadeiras ou apenas calúnias entre eles... Mas... — Cetarto parou de falar, procurando memórias com os olhos. — ... soube de algo que me fez acreditar mais nessa história.

— O que foi que aconteceu, Cetarto? — Perguntou o rei, desta vez.

— As pessoas têm dito que um demônio apareceu aqui no Norte, em uma das Quatro Cidades Sem Senhor. No início ele era um problema apenas de Minzur, mas com o sumiço de alguns moradores de Sumarino, os comerciantes e chefes de famílias estão apavorados. O Conselho da cidade se reuniu e está oferecendo uma recompensa para quem trazer a cabeça do monstro. E não é para menos, já que é só através da ganância que eles se entendem...

— Cetarto... — Interrompeu Flarte, como se fosse dar uma exortação.

— O que foi, Flarte? Vocês de Aldruma são pessoas muito boas, mas não sabem de nada! São tão

ingênuos quanto as crianças! Não conhecem a maldade do mundo e são os únicos que ainda sonham e se alegram... Já faz um tempo que o Reino Primordial não é o que era antes; nossos irmãos agem de maneira estranha, e seus filhos e os filhos dos seus filhos estão cada vez mais perversos. São tempos sombrios, Flarte, e se eu fosse você, pensaria em defender suas fronteiras antes que o "Mal" chegue aos seus portões.

Flarte ficou em silêncio refletindo. Cetarto emendou mais histórias a respeito do demônio do Norte e respondeu algumas perguntas. Farto Lumo, filho mais velho do rei Flarte, ouvia tudo com muita atenção. Algo despertava um sentimento novo, como se a cada palavra de Cetarto seu coração queimasse para a aventura em terras desconhecidas e para ajudar as pessoas que sofriam.

No dia seguinte, ele e seus dois irmãos estavam encarregados pela caça, e no bosque, discutiam entre si sobre o que tinham ouvido:

— Não podemos ficar aqui sem fazer nada. Precisamos agir. — dizia Farto.

— Você tem razão, Farto. Mas o quê? Poderíamos lutar contra um demônio? E se pudéssemos, deveríamos fazer isso por dinheiro? — Perguntou Borim.

— Certamente não. Pelo menos, eu não faria nada disso por dinheiro. Nada me falta. Apenas sinto como se o dever...

— ... me convidasse... — Completou Dernom. — ... também me sinto assim.

Calaram-se subitamente os três caçadores ao ouvir um barulho. Provavelmente estavam próximos de sua refeição, por isso assumiram posições contra o vento, movendo-se tão silenciosamente que não se podia ouvir seus passos. Antes do ataque, uma voz rompeu o silêncio.

— Não me ataquem, ferozes caçadores de Aldruma. — Disse a voz, de uma maneira irônica e quase cômica, que os três irmãos reconheceram de imediato.

— Lumanue!

Lumanue era um **tebolso**. Os tebolsos eram animais que no tempo antigo se assemelhavam a ursos gigantescos com caldas longas e felpudas e orelhas grandes. Eram predadores ferozes, e encontrar com um deles seria assustador até para os mais corajosos caçadores. Mas Lumanue não era um tebolso comum. Lumanue era um dos **bumies lendários**, amigo do povo de Aldruma. Por isso, o encontro deles foi uma grande alegria, e logo depois dos devidos cumprimentos, perceberam que ele trazia consigo dois porcos selvagens e um boi.

O povo se alegrou imensamente com a presença de Lumanue no banquete, e Cetarto, que não estava acostumado com os animais falantes, observava-o deslumbrado. Depois da refeição, reuniram-se ao redor do fogo no salão comum de Aldruma para ouvir novamente as histórias de Cetarto. Depois disso, Lumanue falou:

— De fato há um demônio no Norte. Eu já o vi vagando pela Floresta Alta, próximo de Sumarino, e sei que ele já foi um homem, o que me impediria de atacar. Senti que era uma criatura muito triste e perturbada, pois logo que me viu, ele fugiu para o interior da floresta.

— Deveríamos ir até lá. Pegaremos ele antes que entre na cidade! — Sugeriu Farto.

Todos ficaram calados de repente, pois Lana Triname ficou de pé. Ela era quem guiou as famílias no Lago Sem Fim.

— Essa criatura está sem esperança. Nossos irmãos estão perdidos. Não valerá de nada derramar sangue. Vocês devem levar esperança! Vão e levem seus instrumentos.

— Isso pode ser bom, meus filhos. Pensei muito nesta noite sobre suas palavras, Cetarto, e acredito que devemos fazer algo para nos proteger, e não podemos nos proteger do que desconhecemos.

— O que quer dizer, Flarte?

— Devemos enviar batedores até as Quatro Cidades Sem Senhor. — Respondeu o rei, depois de uma breve meditação. — E vocês irão, meus filhos.

— Acho que Seuror Triname deveria acompanhá-los. — Disse Lorctom.

Lana Triname pareceu desconfortável com a ideia, mas antes que pudesse dizer algo, Seuror deu um passo à frente e disse com voz firme.

— Eu irei.

— Bom. O filho de Lana ajudará a entender os enigmas e será muito útil para vocês, meus filhos. — Disse o rei.

— Estou de acordo, majestade. — Respondeu Farto. Os outros dois irmãos assentiram com a cabeça.

— Que seja assim como foi dito. Agora envio vocês quatro como batedores do povo de Aldruma. Estas são minhas ordens... — Disse Flarte com voz solene, que tanto encantava as pessoas como lembrava a Cetarto dos velhos tempos. — ... E peço a você, meu querido amigo, que os leve até as proximidades de Paax. Pode fazer isso, por nós? — Perguntou o rei, olhando para Cetarto.

— Certamente, certamente.

A frota de Cetarto partiu no dia seguinte, e com ela estavam os primeiros quatro batedores de Aldruma. Eles embarcaram no Rio Zurjar seguindo até o mar do Oeste. Depois, navegaram até a baía onde desaguava o Rio Azul, subindo seu fluxo calmo até Paax. Ao deixá-los em Paax, Cetarto se despediu e retornou para o reino de Nalimpa com seus marinheiros.

O guaeo

Quando desembarcaram em Paax, os aldrumanos chamaram muita atenção, principalmente por suas roupas estranhas, belíssimas armas e instrumentos que carregavam. Os quatro percorreram a cidade buscando algum tipo de informação sobre aquelas terras e sobre o demônio do Norte. Mas havia grande rispidez por parte dos habitantes de Paax; e a maioria tratava os forasteiros com desprezo e indiferença; até dois homens começaram a gritar com eles sem motivo aparente.

Borim era o mais novo do grupo e o mais fácil de se irritar. Ele aproximou sua mão do punho da espada, e provavelmente teria cortado o nariz de um daqueles homens se não fosse por Dernom, que o conhecia bem. Farto recomendou para eles que saíssem dali, mas Seuror se recusou, e tomando a flauta que trazia consigo, começou a tocar uma melodia tão profunda que interrompeu a gritaria daqueles Láurea.

Com o silêncio, a melodia tomou um espaço enorme nos corações dos ouvintes. Dernom acompanhou a música com sua lira, seguido de Borim com o tambor. Logo, o brilho retornou aos rostos das pessoas de Paax, que se emocionaram com o canto limpo e profundo Farto. As notícias sobre esse dia descrevem pessoas sonhando em pé, e ninguém soube ao certo quanto tempo o canto durou.

Com o silêncio do cantor e dos instrumentos, uma senhora Barruno chamada Luruna levou os quatro até sua hospedagem. Lá eles comeram comidas estranhas, que não foram tão apreciadas pelo seu paladar, acostumado com os banquetes de Aldruma. Agradeceram a refeição que quase não tiveram tempo para terminar, pois a hospedagem logo ficou cheia de pessoas pedindo por mais música.

Farto cantou algumas canções mais alegres e populares da sua terra, permitindo que seus companheiros comessem. Ele também aproveitou a amistosidade para fazer as perguntas que queria, porém, quando mencionou sobre o tal demônio, um estranho silêncio tomou aquele lugar e por breves instantes as pessoas perderam o brilho recém recuperado.

— Nós não sabemos nada sobre isso. Nada sabemos e nada queremos saber. Por que estão perguntando? — Essa pergunta foi feita por Tuco Láurea, o mesmo que estava gritando mais cedo.

— Viemos por causa "dele" ... — Respondeu Seuror.

— Muitos vieram e muitos morreram. Por que arriscar suas vidas? Isso é um problema do povo de Minzur! — Insistiu Tuco.

— Tivemos notícias que "ele" anda vagando em direção ao Sul e já está nos arredores de Sumarino.

— Mentira! — Gritou Tuco batendo na mesa em que estavam sentados.

Dernom se aproximou de seu irmão Borim e cochichou alguma coisa. Depois disse algo para Farto, que acenou positivamente com a cabeça. Então Dernom e Borim se levantaram, e enquanto Dernom puxou a cadeira em que Tuco estava sentado, Borim habilmente agarrou o Láurea e o jogou para fora da hospedagem.

— Eu sou Farto Lumo de Aldruma. Eu e meus companheiros estamos aqui de boa vontade para ajudá-los com o demônio...

— O demônio não é um problema nosso! — Disse uma voz abafada no meio do grupo, como se estivesse tentando se esconder dos irmãos para não ser lançado fora também.

— É sempre melhor resolver os problemas dos vizinhos antes que eles se tornem nossos. — Respondeu Farto.

Seuror percebeu que aquelas pessoas começaram a ficar bem incomodadas. Aos poucos, a hospedagem de Luruna ficou vazia novamente, restando apenas os aldrumanos. Antes que se recolhessem, Luruna dirigiu a voz embargada para Farto.

— Tenho algumas informações sobre o **guae**o...

— Conte-me mais, senhora.

— Não sei muito. Me lembro do que falaram sobre isso quando... quando meu marido trabalhava nas minas de Minzur... — Interrompeu e silenciou-se, até não conseguir interromper as próprias lágrimas. — Você me lembra seu pai!

— Você conhece nosso pai? — Perguntou Borim.

— Claro! Todos se lembram da primeira voz entoada no Jardim, no primeiro dia de todos os dias. Sua voz me lembra a dele. — Disse apontando para Farto — Lembro também quando saímos de Pan. Quanta tolice! Pura obstinação! E agora, meu Drodor se foi... E um demônio cerca nossas cidades! Nunca deveríamos ter saído do Jardim.

Ela ficou durante alguns momentos se lamentando baixinho, até que Seuror lhe perguntasse:

— A senhora possui alguma montaria para partirmos? Precisamos sair em busca dele imediatamente.

— Vocês não podem vencê-lo! Ninguém pode! Todos os caçadores de recompensa antes de vocês sumiram. Dizem que o **guae**o é um ser gigantesco e que sua pele é impenetrável como as rochas. Fiquem aqui em Paax, e nos tragam alegria com suas músicas. Receberiam muito mais do que estão oferecendo pela cabeça "dele", e não precisariam arriscar suas vidas.

— O que dizem sobre o **guae**o?

— Pessoas começaram a desaparecer nas Minas de Minzur. De lá, esse monstro de pedra surgiu. Dizem que ele é um homem que entrou na floresta e foi enfeitiçado por alguma magia antiga. Dizem que ele é da mesma classe dos grandes animais falantes, que só querem nos destruir...

— Agradecemos sua hospitalidade. Vamos nos recolher agora. — Encerrou a conversa Denom, de súbito.

No meio da noite, saíram da hospedagem deixando para a senhora algumas moedas de ouro. Furtivamente, saíram em direção a estrada para Sumarino e, de lá, Seuror tirou sua flauta e tocou uma melodia específica enquanto farto cantava algumas palavras ensinadas por Lumanue. Em poucos minutos, quatro cervos surgiram do meio das árvores e serviram de montaria para eles até a Floresta Alta. Ao chegarem às margens da mata, desmontaram dos cervos e seguiram silenciosamente dentro da Floresta.

Os passos dos irmãos eram tão silenciosos que nem mesmo eles se ouviam. Seuror fazia barulho por não ser familiarizado com as técnicas de caça deles. Por isso, resolveu imitar com sua flauta o som de aves noturnas e de vento, o que disfarçava o barulho.

Eles pararam imóveis quando ouviram sons vindos na sua direção. Pelo barulho, os irmãos distinguiram que eram passos de pelo menos dez pessoas. Depois que viram a luz das tochas, se esconderam para observar.

Viram que o grupo carregava bestas, lanças e redes. Deduziram que eram caçadores de Sumarino, e pelo número, que estavam em busca do **guae**. Dernom fez um gesto para os seus companheiros para que subissem nas árvores. Mas Seuror não tinha familiaridade com os sinais de caça, e quase foi percebido por um dos caçadores que estava na retaguarda.

Os irmãos observavam de cima e viram o grupo de caçadores próximos a uma caverna. Estavam receosos para adentrá-la. De repente, os irmãos e Seuror ouviram um som inesperado que lhes causou sentimentos estranhos. Perceberam que o som vinha da caverna e que não somente eles, mas também os caçadores se sentiam atraídos pelo barulho indescritível; um por um, os caçadores foram entrando na caverna, até que o barulho indescritível se silenciasse.

Os quatro caminharam até a entrada da caverna, de onde viram uma pequena luz que brilhava do interior. Com todos os sentidos atentos, voltaram a ouvir o barulho, que agora era parecido com uma voz doce e suave parecida com a de uma mulher; ela ia desfazendo suas defesas. Assim, Borim foi o primeiro a entrar, seguido de Dernom e depois de Farto, que ainda hesitou um pouco.

O canto ficava cada vez mais nítido e mais belo, sendo quase impossível rejeitá-lo. Seuror também deixou-se levar pela voz. Antes que cedesse completamente, foram despertados pelo barulho de passos de uma criatura pesada, acompanhados por gritos raivosos e uma

confusão do lado de fora. Farto foi o primeiro a despertar, dando um tapa na cabeça de Seuror e puxando Dernom pela roupa. Então os três puxaram Borim, que já estava completamente fora de si até ser jogado no chão por Dernom.

Já estava amanhecendo quando finalmente avistaram o **guaeo**: era uma criatura forte e alta, que parecia ser feita de pedra, e que corria fugindo de uma pequena multidão. Os três irmãos correram para se unir às pessoas, mas Seuror olhou uma última vez para dentro da caverna e percebeu que ela era mais rasa do que parecia a noite. Ele também não ouvia mais o canto da mulher.

A multidão perseguiu o **guaeo** até chegarem a uma clareira no meio da floresta, de onde se dava para ver as dimensões reais da criatura. Ele então se voltou para as pessoas, batendo no chão e emitindo sons como de rugidos. A maioria se assustou e fugiu; pouquíssimos ainda tentaram um ataque inútil contra ele, atirando flechas e jogando pedras, o que fez o monstro avançar contra eles.

Ao observarem esse comportamento, os três caçadores chegaram a mesma conclusão: o **guaeo** não atacava, estava, na verdade, agindo como uma presa acuada diante de predadores.

Fazendo sinais para cercá-lo, os irmãos conseguiram manter uma certa distância, tática que Seuror não participou. Estavam apenas os cinco na clareira. O **guaeo** parecia mais agressivo, procurando alguma

brecha entre o cerco dos caçadores para escapar. Sabendo disso, os irmãos esperavam por uma explosão de fúria como a de um touro ou um cavalo ainda não domado. Nenhum deles tinha ideia de como subjugar aquele ser fisicamente.

Então Seuror teve uma ideia, e, tirando sua flauta, tocou uma melodia calma, que pareceu surtir algum efeito na criatura. Quando perceberam, os outros acompanharam Seuror em sua melodia, até que, ao som da voz de Farto, o **guaeo** adormeceu, e depois de um tempo, seu corpo pesado caiu sobre a relva.

O demônio do Norte

Nos dias do Silêncio de Ninro, um **guae**o surgiu na Floresta Alta, região próxima das Cidades sem Senhor. Por isso, quatro Batedores desceram de Aldruma para expulsar aquele que era chamado de "**demônio do Norte**". No entanto, descobriram que aquela criatura não era maligna, e por isso pediram a ajuda para os animais falantes, conseguindo levá-lo para Aldruma.

Seuror e Lumanue ficaram encarregados de acompanhá-lo, enquanto os irmãos Lumo voltaram para Sumarino. Antes de entrarem na cidade, as notícias da derrota do **guae**o já tinham chegado. Deste modo, a população se reuniu para festejar, animados para ver se eles trariam a cabeça do monstro a fim de reivindicar a recompensa. Um representante dos comerciantes, Leruto Láurea, também estava na entrada da cidade esperando pela prova cabal da queda do demônio.

Começaram a gritar de alegria quando viram três figuras surgindo de dentro do bosque, o que durou pouco, pois perceberam que eles não traziam nada parecido com uma cabeça de pedra. Assim que entraram na cidade as pessoas se espremiavam para ver se havia com eles algum outro pedaço do corpo do **guae**o. Leruto se aproximou, e pedindo silêncio para a multidão, disse:

— Bem-vindos, aldrumanos. Ouvimos dizer que vocês derrotaram o demônio do norte!

— Quem te disse isso? — Perguntou Borim.

— Alguns caçadores voltaram da floresta e disseram que quatro homens cercaram o monstro... Antes que estivessem longe, ouviram o som do inimigo tombando. Deduziram que ele tinha sido derrotado e agora vocês estão entre nós! Onde está seu colega? Ah... meus sentimentos. Certamente estão esperando a recompensa... Sei que entendem, mas preciso ver alguma "prova" de que derrotaram o demônio... Só formalismos...

Os comerciantes haviam prometido 100 moedas de ouro para quem resolvesse o problema do **guae**o, pois o monstro gerava grande prejuízo aos negócios de mineração e exportação. Mas por ganância, Leruto planejava colocar todas as críticas possíveis para barganhar a recompensa. Estava um pouco nervoso por ter que fazer isso com guerreiros, e quando viu que os três homens não traziam nada do **guae**o, ganhou um pouco de segurança.

— Tranquilidade para vocês, povo de Sumarino!
— Disse Farto para a multidão, como se estivesse ignorando Leruto. — Não trouxemos a cabeça do **guae**o! Ele ainda está vivo e está sendo conduzido para Pan nesse exato momento! Por isso, ele não será mais um problema para vocês...

Farto continuaria se a multidão não tivesse se exaltado tanto com aquelas palavras. Aproveitando isso, Leruto tentou colocar a multidão contra eles:

— Ora, então quer dizer que não mataram o demônio, e agora querem roubar o dinheiro do povo de Sumarino?

Farto ignorou novamente Leruto, e, voltando-se a multidão, continuou a falar. Sua entonação agora era forte e sua voz sobressaiu sobre as outras, fazendo com que todos se calassem para ouvi-lo:

— Povo de Sumarino! Vimos o **guae** e discernimos que ele não é uma criatura maligna. Não estamos aqui por dinheiro, apenas queremos compartilhar a alegria do Oeste e trazer as boas notícias para vocês. Mas acreditamos que o verdadeiro **demônio do Norte** ainda está na Floresta Alta, por isso, fiquem longe daquele lugar, até que nós e os **bumies** investiguem a floresta e expulsem o inimigo.

— Agora tudo está claro! Vocês são amigos dos animais falantes! São espiões deles! — Gritava Leruto.

O povo novamente se exaltou.

Os irmãos trocaram algumas palavras entre si como se estivessem sozinhos, e resolveram adentrar mais a cidade a procura de algo para comer. A maioria dos lugares parecia ter pessoas de mau humor e de má vontade para atendê-los, até chegaram à uma feira, onde encontraram algumas frutas e outros mantimentos.

Ao comprarem, algumas pessoas notaram que os aldrumanos levavam moedas de ouro, o que mudou o humor dos comerciantes de maneira repentina. Então,

sentados em um degrau perto da feira, os três se viram rodeados de curiosos tentando vender vários tipos de coisas inúteis.

Depois de comerem, pelo costume, começaram a tocar uma música de batida popular, que encheu aquela praça. Até a noite eles cantaram e tocaram, fazendo com que os sumarinos ficassem felizes e esquecessem por um momento sua ganância.

Mas muitos sumarinos ainda desprezavam os irmãos. Leruto Láurea espalhou boatos, que circularam rapidamente na cidade, sendo o mais famoso o que dizia que um aldrumano flautista mágico dominava o demônio do norte, e usava-o para raptar as crianças e mulheres, levando-as para a floresta. Aproveitando-se disso, os administradores comerciantes ataçaram os populares para expulsar os aldrumanos da cidade, sem pagar as 100 moedas.

Mesmo com as calúnias, os três irmãos conseguiram uma hospedagem, e pela manhã, compraram cavalos para viajar até Minzur. Naquela cidade, descobriram que várias pessoas também tinham desaparecido nas noites passadas.

Suspeitavam que isso estava atrelado diretamente ao canto que ouviram na floresta, e por isso ficaram na cidade. Durante o dia eles cantavam para os habitantes de Minzur, e a noite, vagavam ao redor da cidade e nas minas, buscando alguma coisa suspeita. Nada descobriam; tudo estava calmo na região. Depois de uma semana, os

mineiros voltaram para o trabalho e os três viajaram até Azinur.

Lá, encontraram Mon, o rei de Láurea e o maior construtor entre os homens. Estava com seu grupo de trabalho ocupado com a construção de uma muralha, o que fez de Azinur a primeira cidadela do mundo.

Os aldrumanos foram recebidos com mais cordialidade em Azinur do que nas outras cidades. Pelo costume, cantaram para os habitantes e para os construtores. Mon gostou muito da música, sendo a primeira vez que se alegrou depois do sumiço de sua filha, Lilu. Ao final do canto de Farto, ele se aproximou para conversar:

— Tranquilidade para vocês, amigos! Vim agradecer por sua apresentação hoje. De onde vieram?

— Tranquilidade para você, majestade! É uma honra para nós conhecê-lo! Eu sou Farto Lumo, e esses são meus irmãos Dernom e Borim. Somos filhos do rei Flarte de Aldruma.

— Ah sim, filhos do Flarte. Bem que reconheci sua voz de algum lugar. Fico feliz em saber sobre ele, faz tanto tempo... Quais são as notícias sobre seu reino?

— Vivemos como nos primeiros dias. Nosso pai governa Aldruma e fundou a cidade junto com Lana Triname e Lorctom Mastom. Sob a Tradição do Jardim seguimos até hoje, majestade.

— Ninguém me chama assim há muito tempo. Não se preocupem com formalismos, amigos! Abandonei o trono desde que...

— Nós sabemos disso, ainda assim reconhecemos nobreza em vossa majestade, um dos maiores da primeira geração. Todos os aldrumanos contam histórias e cantam canções sobre o senhor, alteza. — Concluiu Dernom.

Mon se emocionou com aquilo e ficou sem resposta. Eles então emendaram outra música, e todos beberam vinho e comeram a carne do gado de Azinur, que era o melhor da região.

Naquela noite, antes de se recolherem, os três irmãos resolveram explorar um pouco. Os habitantes indicaram que seguissem pela estrada principal, pois lá mesmo ocorreu a maioria dos desaparecimentos. Mon pediu para acompanhá-los e os três aceitaram.

A noite estava quieta. Os aldrumanos sentiram que aquela seria outra ronda infrutífera, e por isso, ficaram mais relaxados. Borim e Farto começaram a conversar com Mon, aproveitando aquela bela e estranha noite de outono, em que uma brisa fria do Leste a soprava.

Em alguns instantes, Dernom percebeu que a brisa estava conduzindo seus caminhos e que os quatro já tinham saído da estrada principal. Nesse momento, o som do vento começou a mudar, se assemelhando mais ao canto de uma mulher. Os irmãos se sentiam convidados a

seguir a brisa aonde quer que fosse, mas Mon reagiu diferente.

Ele parou como se um raio tivesse acertado sua cabeça, em estado de choque. Tomando a dianteira, Mon saiu disparado para dentro das árvores, reação que fez os irmãos despertarem daquele encanto, seguindo-o.

Apertando o passo, os quatro foram conduzidos pela voz, que foi ficando mais forte e mais alta, até que viram uma figura feminina, que vestia couro, roupas escuras e tinha pele branca, iluminada pela lua. A mulher cantava lindamente, de uma maneira que embaralhava os sentidos dos irmãos.

Mon Láurea, no entanto, estava mais atento e tenso que um predador na iminência do ataque, e antes de darem um passo em direção a mulher, ele soltou um grito tão forte que foi escutado até pelas pessoas no interior das muralhas:

— LILU!!

A mulher parou de cantar. Apesar de estarem longe, perceberam que sua expressão ficou tensa. Por alguns instantes, ela ficou paralisada olhando para Mon. Ouviram então o som de cascos de cavalos, e viram ela fugir para tão rápido que sumiu entre as árvores. Os quatro tentaram segui-la, mas não encontraram nenhum vestígio, como se Lilu nunca estivesse ali. Os cavaleiros que chegaram eram os Pasca e alguns homens de Azinur.

Depois daquela noite, Farto e Mon organizaram-se em grupos para vasculhar a floresta, todos os dias e noites, em busca da bruxa, o verdadeiro demônio do norte. Em um desses dias, chegaram mensageiros de Sumarino dizendo que os habitantes de lá estavam sumindo novamente. Eles culpavam os irmãos Lumo, baseados naquele boato do flautista, e exigiam que os quatro aldrumanos fossem presos e levados para julgamento.

Outro mensageiro de Minzur chegou depois para trazer as mesmas mensagens, exceto pela parte das exigências. Foi no mesmo instante da chegada dos mensageiros de Minzur que Seuror e Lumanue chegaram na cidade. Os homens de Azinur ficaram alarmados pela presença de Lumanue, o **bumie** tebolso, e estavam prontos para atacá-lo se Farto não tivesse intervindo. Mesmo assim, eles não aceitaram deixar que Lumanue entrasse na cidadela, obrigando a Farto, Dernom e Borim se reunirem com seus companheiros do lado de fora. Mon os acompanhou.

— Agora faz sentido que o **guaeo** não seja o verdadeiro "demônio do norte". Mas para onde ela leva essas pessoas e para quem? — Ponderou Borim, após trocarem algumas informações.

— Minha filha não é um demônio! — Protestou Mon, calando-os. — Ela está viva... — Disse finalmente, num sussurro para si.

— Ela é a mesma mulher que tinha se casado com Ninro no Jardim, e que sumiu com o Levã anos atrás. — Concluiu Lumanue.

Essa fala deixou todos pasmos e calados. Olhavam com profunda preocupação uns entre os outros até que Mon tomou a iniciativa.

— Minha filha se casou com o Senhor do Jardim?? E agora é companheira da Serpente dos Mundos??

Mon não conseguia respirar e sentia seu peito apertado. Afastou-se do grupo e sumiu entre as árvores. Os batedores e o **bumie** resolveram que ele devia ter seu espaço para digerir aquelas informações. Então Lumanue explicou aos aldrumanos o que sabia sobre Lilu e como ela tinha se aliado ao Levã.

— Mas o que o Levã deseja com essas pessoas? — Perguntou Dernom.

— Talvez queira criar mais demônios. — Sugeriu Seuror. — Vocês souberam o que aconteceu com o **guaeo**? Ele voltou a sua forma de homem e foi isso que nos disse: "Num dia comum de trabalho, estávamos voltando para a cidade, mas ouvimos um som de canto feminino que vinha de uma caverna ali perto. Meus amigos e eu resolvemos seguir aquele som, mas eles ficaram loucos, e entraram sem hesitar na caverna, sumindo na escuridão. Eu também entrei depois para buscá-los, e de uma forma que eu não consigo explicar, aquela caverna ficou clara e quente. Era uma luz pálida e avermelhada, e havia gritos e vozes de

dor. Então vi meus amigos e uma mulher... e uma enorme serpente vermelha que os envolvia e... Eu não me lembro mais... Acho que a última coisa que me lembro é que aquele Monstro me viu... e de repente eu não via nada além daqueles gigantescos olhos amarelos... Lembro apenas de vozes que diziam coisas estranhas que eu não entendia... E lembro o que eu sentia nojo e rejeitei! Não sabia o que era ou se era um convite, mas rejeitei..."

— Temos que encontrar a mulher imediatamente. Chamarei os **bumies** e os **Vigias**, avisarei a Ninro e aos **Triunfantes**, e preciso a ajuda de vocês aqui. – Disse Lumanue.

Lilu nunca mais foi vista na região e as pessoas pararam de desaparecer. Mon não voltou para o sul, mas construiu para si uma cabana na Floresta Alta. Os aldrumanos foram expulsos das quatro cidades por conta de sua amizade com os animais falantes, que eram caçados pelos habitantes locais.